

**O SENTIDO DA PALAVRA IGREJA  
PARA OS CRISTÃOS PRIMITIVOS  
EM CONFRONTO COM O SEU SENTIDO ATUAL**

Carlos Alberto Gonçalves Lopes (ABRAFIL)  
[calbertoglopes@hotmail.com](mailto:calbertoglopes@hotmail.com)

**RESUMO**

Uma vez criada, toda palavra está sujeita a ter o seu sentido modificado com o passar do tempo. Com a palavra *igreja*, originária do grego *ekklesia*, não foi diferente. Portanto, o que se pretende na abordagem desse tema é mostrar a discrepância existente entre o sentido atual e o sentido original, e, com isso, fazer ver que aplicar o sentido atual na interpretação de textos antigos da era apostólica não implica só em cometer distorções inconcebíveis, por violar princípios elementares de exegese, como também adotar procedimentos perigosos possíveis de levar a conclusões equivocadas. Sendo assim, não se pode ignorar que as palavras são resultantes do duplo processo de *nomeação* e *evolução* dos valores de sentido, fato esse provavelmente ignorado pela maioria dos usuários da língua.

**Palavras-chave:** Linguística textual. Semântica. Etimologia.

As palavras mudam de sentido com o decorrer do tempo, fenômeno este conhecido por *metassemia* e que pode se constituir em fonte de ambiguidade na conversação.

Um exemplo típico disso ocorreu com a palavra *vilão*, que na Idade Média designava o *morador de uma vila*, enquanto hoje serve para designar um *malfeitor*, um *bandido*. Nesse caso a palavra vilão foi contaminada pejorativamente pelo comportamento dos habitantes da vila que trapaceavam os camponeses que a frequentavam.

Outro caso semelhante é o da palavra *formidável* citada por Bueno (1951, p. 75), o qual relata que, aparecendo num livro do século XIX, teria o sentido de algo *apavorante*, *que incute medo*, a exemplo de animal *formidável* e exército *formidável*, mas que atualmente teria o sentido de algo *que desperta admiração*, *que é excelente*, a exemplo de livro *formidável* e festa *formidável*, isto é, um sentido totalmente diferente do sentido etimológico original. A palavra continua sendo a mesma, mas o sentido que ela passou a ter num texto atual é outro.

Curioso ainda é o que ocorreu com a palavra *pagão*, cujo significado antes do século III era o de *morador do campo*, e que, depois do século III, quando o Cristianismo se urbanizou, passou a significar “todo aquele que não é cristão”; e, mais tarde, “um praticante da feitiçaria”, de acordo com Viola (2011, p. 213-214).

Algo parecido com os exemplos referidos ocorreu também com a palavra *igreja* em português, originária do grego *ekklesía*, através do latim *ecclesia*, com a significação etimológica de *assembleia*, e que serve para nos mostrar a importância de, sempre que se ler um texto antigo, a exemplo de um texto bíblico, verificar se o sentido das palavras que aparecem nele corresponde ou não ao sentido assumido por elas atualmente.

Não resta dúvida de que ao se mencionar a palavra *igreja* nos dias de hoje, logo surge em nossa mente o nome de uma instituição, a imagem de um prédio com bancos enfileirados, uma plataforma com um púlpito, a figura de um sacerdote (pastor, padre etc.) que profere um sermão e dirige uma liturgia, assessorado ou não por um grupo de louvor (ou coral) dentro de uma organização religiosa que pode ter um gabinete pastoral, uma secretaria, uma tesouraria e até mesmo uma série de subdivisões do tipo sociedade de senhoras, sociedade de homens, grupo de jovens, presbitério, junta diaconal, confederação nacional dos bispos, etc.; ou pensamos em todos os membros das diversas organizações religiosas cristãs espalhadas pelo mundo.

Mas, será que para os cristãos do primeiro século a palavra *igreja* evocava em suas mentes o mesmo significado que evoca para nós hoje?

Fazendo uma leitura imparcial, atenta, destituída de preconceito religioso dos óculos denominacionais e sem deixar de levar em conta a linguística textual com os seus fatores linguísticos de contextualização, de coesão, de coerência e de pragmática (a intencionalidade, a informatividade, a situacionalidade, a aceitabilidade e a intertextualidade), não há como não constatar que o sentido da palavra *igreja* para os cristãos primitivos quase nada tem a ver com o sentido que ela tem para os cristãos de hoje, da mesma forma que aconteceu com a palavra *vilão* (que hoje não significa mais *habitante da vila*), com a palavra *formidável* (que hoje não significa mais algo *apavorante, que incute medo*) e com a palavra *pagão* (que hoje não significa mais *morador do campo*).

Proveniente da palavra *ekklesía*, que designava os cidadãos que na antiga Grécia se reuniam em assembleia no *forum* da cidade para tomar decisões, a palavra *igreja* era compreendida pelos cristãos do primeiro

século não como uma organização com um prédio onde as pessoas comparecem pelo menos uma vez por semana para assistir a um culto ou a uma missa; e, depois, retornam aos seus lares para viverem as suas vidas individuais em suas famílias independentes umas das outras. Não, muito pelo contrário! Os cristãos primitivos jamais diriam *vamos à igreja*, porque para eles a igreja eram eles mesmos, unidos por laços fraternos de amizade. E a concepção que eles tinham da igreja expressa nas páginas do Novo Testamento era a de uma família espiritual composta de membros que se amavam e se importavam uns pelos outros, mais até do que pelos da família biológica. Prova disso é que quando Jesus foi advertido com as seguintes palavras: “Eis que estão ali fora tua mãe e teus irmãos, que querem falar-te”, sua resposta (que pode parecer até estranha ou mesmo chocante para quem valoriza mais a família biológica) foi:

Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos? E, estendendo a sua mão para os seus discípulos, disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos; porque, qualquer que fizer a vontade de meu Pai que está nos céus, este é meu irmão, e irmã e mãe (Mt 12.47-50).

Também em outra oportunidade Ele manifestou o grande apreço que tinha pela família espiritual (a igreja) ao dizer: “Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim não é digno de mim” (Mt 10.37). Parafraçando, é mais ou menos como se tivesse dito: “Quem ama os seus pais mais do que ama um cristão, seu irmão na fé, não é digno de mim; e quem ama os seus filhos mais do que ama um cristão, seu irmão na fé, não é digno de mim”.

O ensino cristão de que somos “o corpo de Cristo, e seus membros em particular” (1Co 12.27) do qual “Cristo é a cabeça” (Ef 5.23) implicou na redefinição do conceito original de igreja para significar mais do que meramente uma assembleia, levando os cristãos primitivos a terem uma alta estima entre si por se reconhecerem como partes de Cristo aqui na Terra, de modo que se alguém agredisse ou perseguisse a qualquer um deles, agiria como se estivesse agredindo e perseguindo a própria pessoa de Jesus. É por isso que na indagação feita por Saulo ao Senhor Jesus no caminho de Damasco, por ocasião da sua conversão, a resposta ouvida por ele foi: “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 9.5). Mas Saulo estava a perseguir a igreja e não a Cristo, alguém pode refutar. Só que essa conclusão é equivocada, porque como Jesus e a igreja pertencem à mesma família espiritual da qual Ele é a cabeça, e a igreja (o Corpo) não sobrevive sem a cabeça (Jesus) com a qual está indissocia-

velmente ligada, perseguir a igreja é o mesmo que perseguir a Jesus Cristo. É o que acontece com a família biológica também, pois quando agredimos ou maltratamos a mãe de uma pessoa ocorre como se estivéssemos agredido e maltratado essa própria pessoa e vice-versa.

Também em Mt 25.34-46, Jesus diz: "...tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me (...)". Indagado sobre a ocasião em que aconteceu isso em sua vida, pois parece que nos evangelhos não consta que Jesus tenha passado por todas essas tribulações, Ele respondeu: "Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes".

Esse trecho ilustra o alto conceito que as Escrituras têm da igreja e o sentido que a palavra igreja tinha para os cristãos primitivos. A concepção de igreja deles era prática e não teórica. Eles entendiam que ao socorrer um irmão da mesma fé em sua necessidade (de roupa, de afeto, de visitação, de comida, de hospedagem etc.) seja ela qual for, eles estavam socorrendo a Jesus.

Na família biológica também ocorre algo parecido, pois quando presto socorro ao meu irmão biológico em necessidade ajo como se estivesse socorrendo aos pais dele, como se estivesse ajudando e prestando um favor aos pais dele, que também são os meus pais.

Essa concepção de igreja como um organismo vivo, semelhante a uma família de pessoas que se amam não menos do que se amam os membros de uma família biológica e que se doam umas às outras está claramente expressa em vários trechos bíblicos, dentre os quais o de João 19.26-27, naquela cena comovente, em que Jesus na cruz, "vendo ali sua mãe, e que o discípulo a quem ele amava estava presente, disse a ela: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa". Observa-se aqui o alto valor dado a Maria, um membro da família espiritual, não menos importante do que um membro da família biológica. Esse era o conceito apostólico de igreja, vista não como um prédio, não como uma organização religiosa, não como uma instituição insensível e fria, mas como algo muito precioso, como uma assembleia de pessoas que se amam, como pedras vivas atraídas por um sentimento comum de verdadeira amizade e afeto, unidas pela mesma fé na pessoa do seu único chefe (Jesus Cristo), e que se reúnem frequentemente para compartilhar seus dons e para mu-

tuamente se ajudarem.

Para o teólogo reformado Brunner (*apud* VIOLA & BARNA, 2008, p. 323) a igreja, conforme a concebiam os cristãos primitivos, era “uma comunhão pura de pessoas, e não tem nada a ver com o caráter próprio de uma instituição”; sendo, por isso, “enganoso identificar qualquer uma das igrejas historicamente desenvolvidas, marcadas por um caráter institucional, como igrejas (*Ekklesia*)”.

Essa ideia de igreja como família de Deus é também claramente expressa nas cartas paulinas, a exemplo de Efésios 2.19, onde se diz que já não somos “estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus”; de Romanos 8.29, onde está escrito que “os que dantes conheceu também os predestinou para serem conforme à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”, entendendo-se por Filho à pessoa de Jesus Cristo; e de Romanos 12.5, que nos diz o seguinte: “Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”.

Os cristãos do primeiro século entenderam tão bem esse conceito bíblico de igreja que viviam exatamente como numa família, pois “era um o coração e a alma da multidão dos que criam”, como também “ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns”, conforme lemos em Atos 4.32; sem falar no fato de inexistir necessitados entre eles, “porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se por cada um, segundo a necessidade que cada um tinha”, como relata Atos 4.34. Na realidade, ao agirem assim eles entendiam que ao socorrerem um irmão necessitado estavam socorrendo o próprio Jesus, a quem amavam muitíssimo, uma vez que criam que a salvação de suas vidas da perdição eterna devia a Ele.

Hoje, uma atitude como essa seria impensável para uma boa parte das pessoas, exatamente por terem uma concepção de igreja bem diferente, segundo a qual ela se confunde com a organização religiosa da qual pertencem. E é por isso que muitos são movidos a contribuir com dinheiro e com afeto muito mais para a organização do que para um irmão necessitado. Essa também é a razão pela qual surgem tantas organizações religiosas, algumas delas amealhando fortunas em dinheiros, enquanto há tantos necessitados não só de comida, mas muito mais até de uma amizade, de uma visita, de um afeto, de uma palavra de consolo, de compaixão.

Outra evidência de que os cristãos primitivos concebiam a igreja como a família de Deus é que eles usavam entre si o tratamento de *irmão*. Prova disso é que Paulo chama os crentes coríntianos de irmãos mais de trinta e cinco vezes em sua carta. Hoje, mesmo que você se identifique como cristão ou até pertença a uma instituição religiosa por mais de um ano, nem sempre será tratado como irmão. Se o seu nome for Maria ou José, provavelmente chamá-lo-ão por Dona Maria, Senhor José ou, se possuir título, Dr. José, Profª Maria, e não irmão José, irmã Maria. E, pior ainda, se for o líder da organização, tratá-lo-ão por Reverendo José, Pastor José, Padre José, Monsenhor José ou Dom José, dentre outras possibilidades, mas dificilmente dirão irmão José. Isso, porque a concepção de igreja mudou, não se concebendo mais a igreja como uma irmandade, como uma família espiritual, como um organismo vivo de pessoas que se amam de fato, mas sim como uma organização dividida não só em inúmeras denominações como também em duas classes distintas de pessoas: o clero e o laicato. No primeiro século, como a concepção de igreja era outra, não tinha sentido um cristão chamar outro cristão de senhor, professor, padre, pastor ou doutor, da mesma forma que na família biológica seria um absurdo e até ridículo um irmão chamar o seu irmão de senhor, professor, padre, pastor ou doutor. Não existe isso. Você não encontra em família nenhuma um irmão tratando o outro dessa forma; e como a igreja era concebida como uma família, o princípio se aplicava a ela também. É por isso que em Mateus 23.8,10 e 11 encontramos Jesus dizendo: “Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. Nem vos chameis mestres, porque um só é vosso Mestre, que é o Cristo. O maior dentre vós será vosso servo”. A proposta aqui é revolucionária, porque se opõe ao que encontramos no reino dos homens, onde tanto se valoriza títulos e posições, mais até do que se valoriza o caráter de uma pessoa.

Vejamos ainda alguns trechos das cartas de Paulo nas quais há irrefutáveis provas de que a concepção de igreja no primeiro século era a de uma família espiritual, até mesmo superior à de uma família biológica. Em Gálatas 6.10 recomenda Paulo a não nos cansarmos de fazer o bem a todos, “mas principalmente aos domésticos da fé”; em 1 Timóteo 5.1-2, a não repreender asperamente os anciãos, mas a admoestá-los “como a pais; aos mancebos como a irmãos”; em Romanos 12.13 recomenda comunicarmos “com os santos” (os irmãos) em nossas “necessidades”; e em 1 Coríntios 12.25-26 exorta a não haver “divisão no corpo e a ter os membros igual cuidado uns para com os outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é

honrado, todos os membros se regozijam com ele”.

Essa é a visão paulina de igreja e é também a dos cristãos primitivos, isto é, a de um corpo de membros interdependentes; a de uma comunidade que pratica a cooperação e a mutualidade; a de um grupo de membros que, de comum acordo, se submetem e se deixam ser dirigidos pela cabeça desse corpo, que é Cristo, mas sem um chefe humano exercendo domínio sobre eles, já que todos são irmãos e entre irmãos as relações são de igualdade e não de hierarquia ou subordinação unilateral. Evidência disso são os inúmeros mandamentos de mutualidade encontrados nos textos bíblicos, dentre os quais os que recomendam os irmãos a amarem-se cordialmente, preferindo-se em honra, uns aos outros (Rm 12.10); a serem misericordiosos e afáveis (1 Pe 3.8); a exortarem-se uns aos outros, a edificarem-se uns aos outros (1 Ts 5.11); a receberem-se uns aos outros (Rm 15.7); a admoestarem-se uns aos outros (Rm 15.14); a saudarem-se uns aos outros com santo ósculo (Rm 16.16); a terem cuidado uns dos outros (1 Co 12.25); a servirem-se uns aos outros (Gl 5.13); a suportarem-se uns aos outros em amor (Ef 4.2); a perdoarem-se, sendo benignos e misericordiosos uns para com os outros (Ef 4.32); a falarem uns com os outros com salmos, hinos e cânticos espirituais (Ef 5.19); a sujeitarem-se uns aos outros (Ef 5.21); a ensinarem uns aos outros (Cl 3.16); a confessarem os pecados uns aos outros, a orarem uns pelos outros (Tg 5.16); a serem hospitaleiros uns para com os outros (1 Pe 4.9) e a terem comunhão uns com os outros (1 Jo 1.7).

Será impossível obedecer a esses mandamentos de mutualidade (que, por sinal, não são opcionais, mas um dever cristão) sem que a igreja funcione como uma família na qual os seus membros, atraídos entre si por um vínculo de amizade, companheirismo e camaradagem, se encontrem frequentemente em reuniões que funcionem com a participação de todos. Só numa comunidade igualitária de irmãos é que haveria liberdade entre eles para o exercício da caridade, da misericórdia, da afabilidade, da exortação, da edificação, da recepção, da admoestação, do cuidado, do serviço, da tolerância, do perdão, da sujeição, da confissão, da hospitalidade e da comunhão. Numa organização religiosa em que as pessoas se limitam a um encontro esporádico dentro de um espaço chamado templo, torna-se inviável essa comunhão, não só pelo fato de a maioria dos fiéis passarem quase o tempo todo ali calados, sem se intercomunicarem, como também porque a visão da maioria é outra, com a ênfase sendo colocada na organização e não nas pessoas. A propósito, dentre outros trechos, encontramos em Mateus 19.21 Jesus dizendo: “Se queres ser per-

feito, vai, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me”. Por que Ele não recomendou dar pelo menos uma parte do dinheiro dessa venda à organização religiosa, como muitos hoje em dia poderiam pensar, se fosse essa a forma correta de contribuir para acumular tesouro no céu? Por que ele recomendou dar apenas aos pobres? Porque a ênfase e a visão de Jesus, assim como a dos primeiros cristãos, está colocada não na organização, como se a organização fosse algo sagrado, quando de fato não é, mas nas pessoas, dentre as quais se inserem, principalmente, aquelas pertencentes ao organismo vivo chamado igreja. Não foi por acaso que no ministério de Jesus vamos encontrá-lo na maior parte do seu tempo andando com as pessoas, falando com elas, comendo com elas, dialogando com elas, visitando-as, aconselhando-as, socorrendo-as, ouvindo-as; e, poucas vezes, falando sozinho para as multidões.

É por isso também que o Cristianismo se torna inviável entre pessoas individualistas e acomodadas. Sem sair do nosso individualismo egocêntrico para construir laços de amizade com os irmãos não temos como entrar no reino de Deus. Nesse caso, a única alternativa é o reino das trevas, é o reino deste mundo; e, para tanto, basta aderir a um movimento religioso qualquer não comprometido com o alvo de pôr em prática os mandamentos de mutualidade.

Viola (2009, p. 110) percebeu muito bem essa concepção de igreja como família ao reconhecer que “a igreja que nos é apresentada nas Escrituras é uma família amorosa, não uma empresa; um organismo vivo, não uma organização estática. Ela é a expressão coletiva de Jesus Cristo, não uma instituição religiosa; é a comunidade do Rei, não uma bem azeitada máquina hierárquica”.

Concebida como um organismo, a igreja do primeiro século se via como parte inseparável de Jesus Cristo, uma vez que, conforme diz Paulo em Colossenses 1.18, “ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência”.

É por isso que não tem sentido o ensino equivocado de que temos que ser sal e luz no mundo como indivíduos, porque assim como Jesus não pode ser compreendido mais como um indivíduo, o cristão também não pode ser concebido como um indivíduo (isolado) pois todos nós, tendo Jesus Cristo como cabeça, fazemos parte de uma corporação constituída de diversas pessoas convertidas, pois o propósito de Deus é corporativo e não individualista.

Sendo assim, “o governo de uma igreja local não é uma autocracia (...), nem uma democracia – é uma cristocracia, porque Cristo é a cabeça” (FIGUEIRA, 1991, p. 178) junto à qual todos os outros membros se unem numa unidade corporativa fraterna. Por outro lado, concebida a igreja como uma família constituída de irmãos, não cabe um chefe espiritual humano exercendo primazia ou autoridade sobre eles, razão pela qual em 1 Pedro 5.3 há a recomendação para que os presbíteros não exerçam domínio sobre a igreja (herança de Deus) e em 1 Pedro 5.1 há a referência de igualdade entre eles ao se referir aos presbíteros que havia “entre” eles e não “sobre” eles. Dessa forma, como numa assembleia legislativa em que nenhum deputado exerce domínio ou autoridade sobre os outros, nem mesmo o presidente da assembleia, e todos têm direito à palavra e podem se manifestar participando dos debates, também na igreja do primeiro século nenhum dos cristãos exercia primazia sobre os demais nem exclusividade no uso da palavra, pois todos podiam falar quando se reuniam, razão pela qual não havia entre eles hierarquia e muito menos divisões do tipo leigos e clero, jovens e velhos, crianças e adultos, por não ter lógica nem sentido, tanto numa irmandade como numa família, esse tipo de separação, e muito menos alguns terem certos privilégios, certas distinções e outros não. Na família unida por Jesus e tendo Jesus por cabeça nenhum de seus membros quer ficar separado um do outro e todos sentem a falta um do outro, e nenhum dos irmãos almeja ser mais importante ou ter mais regalias e distinções do que o outro, uma vez que a relação entre eles só pode ser horizontal e não vertical. A propósito, Jesus Cristo deixou bem claro que no reino de Deus as coisas caminhariam na contramão do reino do mundo. Quando respondeu à contenda entre os seus discípulos sobre qual deles parecia ser o maior dentre eles, foi taxativo: “Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores. Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve” (Lc 22.25-26).

No âmbito dessa visão, as palavras *presbíteros*, *bispos* e *anciãos* da igreja primitiva eram usadas, intercambiavelmente, para designar o serviço, dentre outros, de cuidado e supervisão não remunerado exercido por alguns irmãos mais velhos na fé, e não designavam cargo ou profissão, nem se reportavam para uma escala hierárquica; da mesma forma que a palavra *diácono*, usada para designar os irmãos encarregados do serviço assistencial aos necessitados da igreja. Eram nomes para designar função ou atribuição de serviço (como hoje se usa os nomes de *secretário* e *relator* para definir o tipo de serviço dos membros de uma comis-

são) e não servia para atribuir título honorífico ou ofício vitalício, nem para designar uma classe especial de cristãos, pois isso seria inconcebível na concepção de igreja do primeiro século, onde as relações entre os irmãos era horizontal (sem privilégios) e não vertical (com privilégios). Em oposição a isso, várias organizações religiosas dos nossos dias têm uma concepção de igreja dividida em dois grupos distintos (o clero e o laicato), o que significa não só fragmentar o corpo de Cristo como também ir frontalmente contra o princípio bíblico do sacerdócio de todos os cristãos, expresso em 1 Pedro 2.9 ao se referir aos cristãos como o povo de Deus, como *geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa*. A Reforma Protestante defendeu esse princípio, mas, infelizmente, só na teoria, pois falhou na sua execução. Aliás, o problema da Reforma, sem deixar de reconhecer a sua grande contribuição em prol da fé cristã, parece ter sido mais entusiasmo pela ortodoxia e menos entusiasmo pela ortopraxia, que não deixa de ser também um problema atual; cabendo aqui observar que doutrina correta sem prática correta, além de ser incoerente e promover o orgulho religioso, pode implicar em demagogia e até mesmo em hipocrisia.

Dentro dessa concepção de igreja como família, os cristãos primitivos entendiam também que a Igreja de Cristo na Terra era uma só em cada cidade. É por isso que não encontramos expressões do tipo “nas igrejas que estavam em Antioquia” (no plural), mas sim, como se encontra em Atos 13.1, “na igreja que estava em Antioquia” (no singular). Observe também que o autor do texto não dá nome à igreja. Ele não diz “na Igreja Pentecostal ou na Igreja Reformada ou na Igreja Católica que estava em Antioquia” porque era inconcebível não só nomear como haver mais de uma igreja cristã numa cidade. Isso seria mutilar o Corpo de Cristo e negar o ministério do Espírito Santo na igreja, o qual promove a união e não a desunião; e, pior do que isso, seria impedir também o ministério evangelístico, ao proclamar para o mundo incrédulo a mensagem de que os cristãos estão desunidos naquela cidade.

Na oração proferida por Jesus momentos antes da sua morte sacrificial em nosso favor fica bem patente essa concepção unitária e não fragmentada de igreja, quando disse:

E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. (...) Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, (...). (Jo 17.20-21, 23).

Paulo também não tinha outra concepção de igreja que não fosse a de uma igreja unida ao expressar a sua indignação aos coríntios com a seguinte pergunta: “Está Cristo dividido?” (1 Co 1.13); e ao exortá-los com as seguintes palavras: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome do nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo pensamento e em um mesmo parecer”. (1 Co 1.10). Hoje, seria utópica essa unidade da parte dos grupos religiosos não só pelo fato de se aceitar com naturalidade entre eles a ideia de uma igreja dividida, como também pelo fato de ser muito raro encontrar pessoas sedentas pela verdade e com sinceridade de propósitos, condição indispensável para que todos cheguem a um denominador comum, a um mesmo pensamento e a um mesmo parecer, como recomendou o apóstolo Paulo.

Por outro lado, na cabeça do cristão primitivo, ao ouvir o nome igreja, essa palavra de modo algum evocaria a existência de um templo ou prédio especial para reuniões públicas, porque eles eram o templo; nem roupas distintivas entre eles para ir a essas reuniões, porque todos eram irmãos que se reuniam na simplicidade de um lar; nem um chefe religioso à frente dirigindo o ritual litúrgico no qual apenas ele fala e os outros assistem calados sem poder participar, porque todos participavam como numa assembleia, e quando havia necessidade de deliberar sobre alguma questão, as decisões eram consensuais; nem uma Ceia na qual se come apenas um pedaço minúsculo de pão e se bebe apenas uma porção muito pequena de vinho, porque a Ceia era uma refeição completa num ambiente festivo; nem um seminário destinado à diplomação de uma classe distintiva de clérigos, porque a própria igreja era o seminário e não havia aceção de pessoas entre eles; nem a existência de cantores solo, grupos de louvor ou coral nas reuniões, porque o cantor, o grupo de louvor e o coral eram eles mesmos cantando todos juntos para a glória de Deus.

Logo, se ressuscitasse um cristão do primeiro século e entrasse hoje em alguns prédios denominados igreja, ele ficaria perplexo, sentindo como se estivesse entrando numa empresa, ao ver na fachada o logotipo com o nome da organização e, dentro dela, uma secretária, na qual se encontra um livro de atas, um planejamento estratégico, um computador, etc., tudo isso sob os cuidados de uma funcionária remunerada. Além disso, ele encontraria também um gabinete pastoral, uma tesouraria e, dentre outros departamentos, um grande salão parecido com uma sala de espetáculos com cadeiras enfileiradas para a plateia, uma plataforma ele-

vada com púlpito, aparelhos de som, amplificadores, refletores, bateria, guitarra, teclado, órgão etc., recebendo no final da visita o convite para assistir o ritual litúrgico.

Caso aceitasse o convite, até poderia se deleitar com os hinos cantados pelo coral, o som belíssimo do órgão, o solo do cantor, o sermão cheio de floreios retóricos do pregador, fazendo uma ressalva apenas no contraste brusco do chamado *momento de louvor*, por achar estranho as pessoas ficarem de pé enquanto cantam sem que alguém explique a razão para isso, e por não vê coerência em se misturar a harmoniosa música sacra inicial com o estilo mundano e barulhento das bandas de *rock*, em altos decibéis, responsável pelo incômodo e pelo prejuízo à saúde auditiva e psíquica de todos; mas sentiria uma falta enorme da igreja reunida no aconchego das casas dos irmãos em que todos participam, tal como menciona Paulo em Colossense 4.15, ao enviar saudações a Ninfa e à igreja que estava em sua casa; e não confundiria a igreja verdadeiramente dita, a casa de Deus, com uma edificação feita por mãos humanas (a exemplo de uma catedral ou de um prédio religioso), conforme se lê em 1 Coríntios 3.16 “Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”, já que o templo, na concepção bíblica de igreja, passa a ser os cristãos, as pessoas, e não o prédio, uma vez que “o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens”, segundo doutrina Atos 7.48; e muito menos confundiria o ritual litúrgico ou a ordem de culto com o culto propriamente dito, já que, segundo afirma Davies (*apud* VIOLA & BARNA, 2008: 48), citando João 4.23, “o culto não é algo que acontece em um determinado lugar em um certo momento. É um estilo de vida. O culto acontece em espírito e em verdade dentro do povo de Deus, porque é onde Deus vive hoje”.

Outro diferencial na concepção de igreja dos cristãos primitivos é que nela ninguém era espectador e todos participavam num ambiente isento de ritualismo e de um dirigente falando quase o tempo todo e exercendo domínio manipulador sobre os demais, como se depreende da leitura de 1 Coríntios 14.26 ao lermos o seguinte: “Que fareis pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”. Observe que o texto é claro ao dizer “cada um”, sem excluir ninguém. Isso prova a participação plural, a participação coletiva de todos, e não a participação singular de apenas uma pessoa nas reuniões coletivas, principalmente levando-se em conta que uma igreja de tamanho médio nas casas não tinham muito mais do que trinta pessoas, em virtude da

própria limitação do espaço de uma casa. Também, em 1 Coríntios 14.31, há evidências da participação coletiva, e não de uns poucos, quando se diz: “Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam, e todos sejam consolados”, cabendo observar que profetizar não quer dizer, necessariamente, *fazer previsão do futuro*. Por conseguinte, a correta compreensão desses trechos supracitados exclui a participação do sacerdote solo, isto é, a de um oficiante na congregação desempenhando sozinho o papel de pregador e dirigente com primazia sobre os demais, porque, conforme o puritano Johns Owen (*apud* VIOLA, 2008, p. 296) escreveu, “cada igreja (...), era um seminário onde se providenciava a provisão e a preparação”, deduzindo daí que todos os cristãos passavam por uma formação prática e vivencial na companhia dos outros irmãos, seguindo o exemplo de Jesus Cristo, e que o termo pastor, bem entendido, não designava cargo, ofício ou título, sendo mais propriamente uma metáfora para indicar a função desempenhada por um cristão que se colocava em pé de igualdade com os demais, sem qualquer pretensão hierárquica.

Percebendo essa problemática toda envolvendo a figura do pastor como líder eclesiástico é que Viola e Barna (2008, p. 163) indagam:

Como pode o pastor aprender dos demais membros do Corpo de Cristo quando estão sempre mudos? Como pode a igreja aprender do pastor quando seus membros não podem fazer perguntas durante sua oratória? Como podem os irmãos e irmãs aprenderem uns dos outros se todos estão impedidos de falar nas reuniões?

A essas indagações poderíamos ainda acrescentar: Como pode o pastor ser pastoreado sem estar sujeito ao pastoreio dos outros irmãos e sem se colocar em posição de igualdade com eles? Essa problemática certamente não havia no primeiro século em que a concepção de igreja era plural, era coletiva, era a de um grupo de amigos, era a de uma família espiritual convivendo num relacionamento dialógico; jamais monológico.

De tudo o que foi dito até aqui, pode-se concluir, então, que o sentido da palavra igreja para os cristãos primitivos é bem diferente do seu sentido atual, passando a palavra igreja até a ser ambígua, pois hoje tanto pode significar um prédio onde os fiéis se reúnem, quanto uma organização religiosa dirigida por uma classe especial de profissionais distinta dos demais e até mesmo uma federação de igrejas locais sob o governo de um presidente eleito por seus representantes.

Nada disso tem a ver com o sentido da palavra igreja encontrado

no texto bíblico e que era como entendiam os cristãos primitivos, para os quais a igreja não era vista como uma organização, como uma empresa, mas como um organismo vivo constituído apenas de pessoas numa determinada localidade, unidas por um vínculo de amizade mediante a operação do Espírito Santo em seus corações e que se reuniam nos lares, onde todos podiam participar (sem que ninguém exercesse proeminência entre eles) com o propósito de se edificarem mutuamente, pondo em prática os mandamentos de mutualidade, orando, cantando, estudando as Escrituras e realizando a Ceia comunitária à qual denominavam *feita do amor*. Entendiam assim que o Cristianismo não tinha templo nem classe sacerdotal distinta dos leigos nem sacrifício, por se considerarem “pedras vivas, (...) edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo”, como se encontra expresso em 1 Pedro 2.5; e também em Hebreus 13.15-16, onde se lê: “Portanto ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada”. Ou seja, o templo somos nós como cristãos verdadeiramente convertidos, não é um prédio, o que significa dizer que não há mais um prédio sagrado como houve o templo de Jerusalém; o sacerdócio agora é exercido por todos os cristãos e não mais por uma classe sacerdotal como havia no Judaísmo; e o sacrifício agora consiste não só no reconhecimento sincero através dos nossos lábios, em atitude de gratidão, do quão bom tem sido Deus para conosco, principalmente por enviar o seu Filho para morrer na cruz em nosso favor e ressuscitá-Lo depois de três dias, como também nos atos de caridade e de ajuda sacrificial em prol dos nossos irmãos que vieram em substituição aos sacrifícios de animais do Judaísmo.

Cientes de que a prova de autêntica conversão ao Cristianismo é o amor que se passa a ter pelos irmãos da mesma fé, conforme registra 1 João 3.14 “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte” é que os cristãos do primeiro século concebiam a igreja como um grupo de amigos que se reuniam pelo menos semanalmente, uma vez que o amor cristão não é platônico, não se concretiza à distância, e não existe sem se manifestar visivelmente através dos vínculos afetivos de amizade. Para eles, igreja sem amor, sem amizade, sem comunhão, sem vínculo afetivo igual ou até maior do que o existente na família biológica não existe, não é igreja. Pode até ser um ajuntamento de pessoas que se encontram frequentemente para assistir a uma apresentação, a um espetáculo, a um culto ou a uma missa, mas onde ninguém se importa com ninguém, ninguém

tem compromisso de formar laços de amizade com ninguém, ninguém quer se envolver com a vida de ninguém, ninguém tem prazer de ajudar ou socorrer ninguém; e, assim, depois que termina a apresentação, o espetáculo, o culto ou a missa, cada qual vai para sua casa viver a sua vida individualista com seus filhos, com sua família biológica, esquecendo-se da família de Deus, da família espiritual, da família de Jesus, sem ter consciência de que ao agir assim está desprezando a Jesus e está negando a sua conversão. Isso não é Cristianismo, é outra coisa bem diferente do que bíblicamente se concebe por Cristianismo. É por isso que em nossa cultura ocidental pós-cristã onde reina o individualismo e onde se dá mais valor ao dinheiro do que à amizade ou a qualquer outra coisa, o Cristianismo autêntico se coloca como um movimento revolucionário, como um movimento de contracultura que não é bem aceito pela maioria das pessoas, que preferem associar-se a um grupo religioso qualquer, desde que não se exija nada além de uma contribuição monetária mensal.

Infelizmente, as tradições de homens pecadores foram sendo incorporadas entre os cristãos através dos séculos, tradições estas já existentes na época de Jesus e que mereceu a sua condenação ao se dirigir aos fariseus, como se pode constatar lendo Mateus 15.6: “E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus”. E foram exatamente essas tradições que, como vimos, contribuíram também para os acréscimos de práticas inexistentes na igreja do primeiro século, levando consequentemente à alteração metassêmica da palavra igreja, com consequente mudança de âmbito por extensão do seu significado, o que resultou na ambiguidade do termo, razão pela qual, se alguém diz hoje que não gosta da igreja, ficamos sem saber se ele está dizendo que não gosta do prédio, que não gosta das pessoas que frequentam o prédio ou que não gosta da organização religiosa dentro da qual as pessoas se reúnem, dentre outras possibilidades.

Finalmente, cremos ter ficado claro na exposição deste ensaio o fato de que ao nos depararmos com a palavra igreja nos textos bíblicos sempre devemos interpretá-la atentando para o sentido assumido por ela no texto; e que corresponde sempre ao sentido tido por ela na época em que o texto foi escrito, há mais de 1900 anos, sem confundir igreja com um prédio, com uma catedral ou com uma organização religiosa do nosso tempo, sob o risco de se cometer graves distorções exegéticas e de chegar a conclusões erradas, inverídicas e totalmente equivocadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*BÍBLIA Sagrada*. Edição corrigida e revisada fiel ao texto original. Trad.: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BRUNNER, Emil. *O equívoco sobre a igreja*. Trad.: Paulo Arantes. São Paulo: Novo Século / Fonte Editorial, 2004.

BUENO, Francisco da Silveira. *Tratado de semântica geral: aplicada à língua portuguesa do Brasil*. 2. ed. aumentada com a polêmica. São Paulo: Saraiva, 1951.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIGUEIRAS, S. G. *Os “irmãos”*: notas históricas sobre o grupo evangélico conhecido como os “irmãos”. Petrópolis, 1991.

VIOLA, Frank. *Reimaginando a igreja: para quem busca mais do que simplesmente um grupo religioso*. Trad.: Leandro Marques. Brasília: Palavra, 2009.

\_\_\_\_\_. *Da eternidade até aqui: redescobrimo o propósito eterno de Deus para a sua vida*. Trad.: Marília Peçanha. Brasília, Palavra, 2011.

\_\_\_\_\_; BARNÁ, George. *Cristianismo pagão?: analisando as origens das práticas e tradições da igreja*. Trad.: Tatiana Luques. São Paulo: Abba Press, 2008.

WRIGHT, N. T. *Simplesmente cristão*. Trad.: Jorge Camargo. Viçosa: Ultimato, 2008.